



GRANDES HISTÓRIAS.



COLEGAS ADVOGADAS,

Somos Advogadas, mulheres, esposas, namoradas, mães, gestoras, chefes de família, filhas... Somos tantas em uma só... Somos tantas coisas... Podemos, em um só dia, exercer muitas funções correspondendo ao que querem e esperam de nós. Mas, na correria do dia a dia, na roda-viva dos papéis e compromissos, quando nos permitimos pensar ou agir, de modo a nos conceder um momento de bem-estar? Pensando nessa temática aliada ao Mês da Mulher, foi que a Caixa dos Advogados da OAB/RS concebeu o Projeto “Permita-se”, desafiando as mulheres Advogadas a registrarem em texto experiências nas quais se permitiram usufruir de bem-estar, nas quais se permitiram ousar. O presente livreto é o resultado desse desafio. Assim, convidamos a colega Advogada a saborear as histórias das grandes mulheres que ousaram permitir-se.

Boa leitura, e Permita-se!

Com nosso carinho,

Rosane Marques Ramos
Presidente da CAA/RS

Ricardo Ferreira Breier
Presidente da OAB/RS



CASTANHAS DE OUTONO

JAQUELINE MARI DE ROSS
OAB/RS: 35.822

Um dia de sol brilhante com vento sussurrante, que, por ser ameno e gentil, não revolta os cabelos soltos. Eu amo o outono, pela presença da magia dourada flutuante do cair das folhas e no recolher da alma. Mas a majestosa castanheira que fica no jardim não perde suas folhas; ela, por outro lado, entrega castanhas deliciosas que espetam os dedos, mas, que importa um dedinho espetado, diante do sabor inigualável do seu fruto? O ritual de preparação das castanhas cozidas no fogão a lenha ou assadas na chapa da lareira anuncia que mais um inverno se aproxima.

O outono é a preparação dos dias que virão, tardes amareladas que nos confortam o espírito, preparando para o cinza. Registros de tardes de preguiça ao redor do calor da lareira que aquece a casa e os amigos que chegarem. Taças de vinhos, fatias de pão fresquinho, queijos e pastinhas que alimentam o corpo e fazem sorrir a alma. Amo a mudança das estações, pois em cada fase da natureza existe a permissão explícita aos seres humanos da possibilidade da mudança, da renovação.

O deixar cair das folhas no outono permite que possamos deixar partir o que não tem mais lugar, não tem mais espaço, arejando os dias, consertando o espírito. Mudar para se reinventar. As castanheiras são um símbolo de que podemos ser diferentes dos demais, sendo igualmente pujantes e altivos. As folhas e os frutos das castanheiras que amadurecem antes da chegada do inverno são a demonstração da força da vida diante dos dias frios. Que o gelo do inverno não tenha o poder de esfriar os sentimentos e os desejos. Permita-se ser feliz sempre, tanto nos dias de verão, como nas longas noites de escuridão.

COLEGAS ADVOGADAS

RENATA LUCAS
OAB/RS: 95.550



Um ano atrás, perdi meu pai, que estava doente e lutando há seis anos contra um câncer que infelizmente o levou de mim. Após a morte dele, passei a refletir sobre a vida como um todo, sobre tudo que vivemos em nossa profissão, sobre nossas responsabilidades, prazos, formalidades em audiências; enfim, sobre como é ser advogada. Me dei conta de que tudo estava indo bem, mas que podia ser melhor. Poucos meses após a morte dele, casei com meu esposo Fausto, que conheço há 13 anos e que sempre foi uma grande inspiração na minha vida. O espírito aventureiro dele me fez pensar mais, voar mais alto e refletir sobre como seria ter uma vida diferente, em que pudéssemos passar mais tempo juntos, sem perder nossos trabalhos e as conquistas individuais almeçadas.

Foi quando resolvi me permitir! Resolvemos comprar uma Kombi e passar nossa lua de mel, durante um ano, viajando pelo litoral do Brasil. Transformamos a “guria” (assim a chamamos) em nossa casa temporária, com direito a fogão, cama, forno elétrico e até uma mingeladeira.

Nos despedimos de nossos empregos, amigos e familiares, e fomos em busca da nossa felicidade. Sim, porque a felicidade é algo muito particular, e, para mim, poder trabalhar remotamente como advogada, desfrutando de lugares maravilhosos, conhecendo pessoas e trocando experiências, e tudo ao lado de quem eu amo, não poderia ser melhor. Desde agosto de 2016 estamos na estrada. Agora mesmo estou em Curitiba, escrevendo esse texto para vocês, dentro na nossa Kombi.

Percebi que a vida pode ser realmente diferente, e isso não se trata de apologia ao trabalho na estrada, mas, sim, de um grande incentivo ao encontro da sua felicidade. Consegui perceber também que a vida pode ser muito mais simples, pois realmente precisamos de muito menos do que acreditamos necessitar.

Desejo que, no Dia da Mulher, vocês leiam essa mensagem com carinho, e reflitam sobre suas vidas, porque não há nada mais belo do que ser feliz, se permitir-se, sem deixar que o resto do mundo faça isso por você.

Feliz Dia da Mulher!

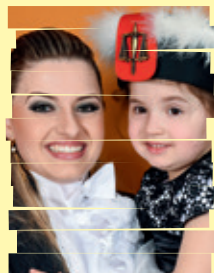
Um abraço da colega,
Renata Lotuffo Lucas

O MAIOR AMOR DO MUNDO COMO “OBSTÁCULO” DO SONHO PROFISSIONAL

PRISCILA SILVA FLORES DA COSTA

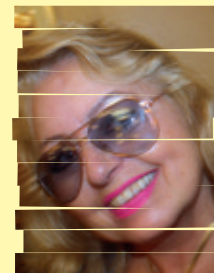
OAB/RS: 105.755

Eu me chamo Priscila, sou uma jovem advogada, esposa e mãe de um encanto de 4 anos, chamada Angelina. Comecei a faculdade no ano de 2010, sendo que em meados de 2012 surgiu a notícia, a qual não era esperada, de que seria mamãe. Um susto! Uma tensão, pois, na época, eu fazia estágio durante o dia e as aulas da faculdade durante a noite, sendo que a dúvida que passou a me deixar apreensiva era: que tempo sobraria para que eu pudesse ser mãe? Eu não poderia deixar os estudos de lado. Eu também não poderia deixar o estágio de lado, pois era dali que saía o dinheiro para pagar a faculdade. E, assim, o tempo me fez aprender a ser estudante de Direito e a ser mamãe ao mesmo tempo. A Angelina nasceu em janeiro de 2013. Eu estava no sexto semestre da faculdade. Desde lá, os semestres foram passando e ela crescendo. Como eu trabalhava durante o dia e estudava à noite, me sobravam algumas manhãs (quando não tinha aulas) e a noite (após chegar da faculdade) para poder ser a companhia dela. Na maioria das vezes, eu chegava da faculdade e precisava estudar, mas ela não queria dormir; ela estava sempre ali, acordada (e bem acordada). “Ora! Se a minha mamãe não dorme e eu quero ficar com ela, porque eu preciso dormir?” Óbvio, ela precisava da companhia da mamãe e só sobrava parte da noite e as madrugadas para tanto. E assim o tempo foi passando, semestres e semestres em que eu precisei aprender a ser mãe, a estudar e a brincar ao mesmo tempo. Isso tudo, muitas vezes, durante as madrugadas. Havia momentos em que eu fracassava e não conseguia ser as duas coisas e, então, aquela pergunta “mamãe, brinca comigo?” era de partir o coração. Sempre fui muito estudiosa, se tirava uma nota 8, era motivo de chorar, e, sempre tentei ser uma mãe presente e cuidadosa. E, em razão disso, a minha vida passou a ser sobrecarregada, pois havia uma exigência (da minha parte) em ser nota 10 nas duas coisas: ser estudante e ser mamãe.



Chegou, então, o dia da minha formatura, e minha filha, com apenas 3 anos, estava emocionada e feliz. Subiu ao palco e dançou. Ela estava lá, curtindo aquela vitória que também pertencia a ela, pois durante três anos e meio ela necessitou dividir o maior amor do mundo, a mamãe, com os meus livros. E essa foi a minha maior ousadia – nunca desistir do meu sonho, estudar Direito e me tornar uma advogada, sem que, no entanto, deixasse de cumprir com o difícil e amado “obstáculo” que me escolheu ao longo dessa jornada: ser mamãe.

O meu bem-estar hoje é poder exercer a profissão que amo, advogar, e poder chegar em casa e usufruir plenamente do meu outro amor, ser mãe. Agora, cada AMOR tem a devida atenção que merece.



CURSO GAÚCHO

DULCE T. FRIDERICHS ROSA

OAB/RS: 9373

Mulher matricula-se em curso noturno com uns 50 homens... Vista por eles, tipo assim, como um ser de outro planeta. Pega ela seus óculos e, inobstante, o material oferecido pelo curso, começa então, aplicadamente, a tomar nota de todo o conteúdo passado em sala de aula.

Nesse ínterim os homens presentes tocam-na gentil e respeitosamente no ombro. Oferecem-lhe o chimarrão que rola entre eles. Mulher bebe o chimarrão e agradece com louca vontade de rir do semblante extremamente desconfiado deles da nítida incredulidade e até espanto de alguns diante de sua presença naquele curso. Secretamente, ela ria também em seu íntimo. Só de pensar por onde viajavam eles em suas mentes naquele exato momento. “Será, tchê, neste curso, bah..., aterrissou um ET?? De saia, boca pintada, salto alto e outras frescuras más?” Prossegue o baile, oops... a aula! No absoluto silêncio e compenetração de todos. Um dos coordenadores do curso pergunta-lhe: “Como está se sentindo em meio a tantos homens?” Responde ela: “Como se estivesse entre mulheres”, e que, sobretudo, está adorando o curso. A mulher acima sou eu. Quando me permiti ousar. Trocar o conhecido pelo desconhecido. O trabalho jurídico/intelectual pelo braçal. A caneta pelo lápis de carpinteiro. A leitura de códigos pela de projetos arquitetônicos.

O curso? O “Drs. Da Construção”. Um intensivo teórico/prático e de treinamento que abrange absolutamente todos os módulos da construção civil. Destinado a pedreiros experientes em todos os ramos da alvenaria, argamassa e concreto, carpinteiros, eletricitistas, encanadores, azulejistas, assentadores de porcelanato, pintores e, com alguma ênfase na matemática da construção civil, leitura e interpretação de plantas. Após quatro meses, recebi com grande satisfação o Certificado de Conclusão de Curso e, com a infinidade de conhecimentos adquiridos, entusiasticamente apliquei-os em minha própria casa. Do episódio atrás relatado, fica a pergunta que não quer calar: será que, neste ramo de atividade(s), a opção feminina é ainda meio que inusitada ou estranha? Vai ver, é! Mas que a estranheza masculina também me deu aí uns lances ocultos de pura diversão, ah..., deu-me! Gaúcho é gaúcho! Como de hábito, usam e primam pelo rodízio da cuia até entre desconhecidos. Só para aproximarem pessoas. Independente de preconceitos de sexo, idade, profissão, estado civil ou nacionalidade. Que vivam, pois, nossas diferenças e igualdades! De resto, bom demais! Experimentar “in loco” que ofícios, felizmente, não possuem sexo. Não tão bom assim, ssssttt..., oportunizar-me indesejada constatação: que a morosa rotatividade de um simples processo judicial, eeeitaa..., não se compara à célere rodagem de uma betoneira.



ESCOLHI SER FELIZ

SUELENA CIOCCARI LANNES
OAB/RS: 44.340

Minhas escolhas nem sempre foram fáceis. Hoje tenho 41 anos. Desde os meus 10 anos de idade que digo que jamais teria filhos.

Quantos “Um dia tu vais mudar de ideia, tu vais envelhecer e mudará”... “Que horror, não é certo isso de não querer ter filho”... “Tu vais ficar velha e não vai ter ninguém para cuidar de ti”...

E, quando eu dizia que não os teria porque minha vida era maravilhosa, que meu direito de ir e vir só dependia de mim, que posso fazer exatamente o que me dá vontade sem ter que pensar em ninguém... Eu ouvia: “Que egoísmo! como tu podes pensar assim? Filho é a melhor coisa que tem!”

Saibam todos: minha vida segue maravilhosa; não fiz os filhos por imposição da sociedade, malho antes da seis da manhã, viajo quando eu quero. Não mudei de ideia e agora o relógio biológico já começa a me impor limites, porém, é uma decisão tão minha, tão convicta que nunca a questioneei, nem mesmo agora que vai se esgotando meu prazo.

Muitas vezes cheguei a dizer que não podia ter filhos, para não aguentar todo o discurso, aí as pessoas ficavam penalizadas comigo (pobrezinha, não pode ter filhos) e mudavam de assunto com cara de piedade, porém, eu nunca esmoreci, segui no meu propósito.

O motivo de eu escrever, na verdade, é para mostrar a todas que as decisões que tomamos na vida, dentre as quais essa de não ter filhos, não são fáceis para os outros. Foi natural para mim! Os outros vão te criticar, vão te julgar, porém, só cabe a ti, mulher, decidir sobre os rumos da tua vida.

Não faças o que não desejas por pressão da sociedade! Não cedas aos padrões simplesmente pelo medo de fazer diferente e na tentativa de agradar aos outros! Não penso em fazer ninguém mudar de opinião, apenas penso que a sociedade deve aprender a respeitar as escolhas de cada um, por mais diferentes que possam ser, e nós, mulheres, temos direito de fazer nossas escolhas, gostem ou não.

E, para quem deseja saber: fiz a escolha certa para mim, sou feliz assim!

EU ME PERMITI SER MÃE, SER MULHER

EMELINE PIVA PINHEIRO
OAB/RS: 69.605



Ser advogada não é a tarefa mais fácil do mundo. Ser mãe e advogada, muito menos.

Eu já era mãe de um menino de 10 anos quando decidi que queira mais um filho.

Eu sabia que essa decisão não seria bem vista no escritório onde eu trabalhava e, talvez por isso, tenha demorado tanto para me decidir.

Então foi uma decisão conjunta: ser mãe e sair do escritório, me permitindo criar uma rotina de trabalho mais saudável em que eu tivesse tempo para meus filhos, principalmente para amamentar.

Estou há 2 anos e 3 meses me permitindo amamentar! Sem, com isso, deixar de advogar.

Todos os meus clientes sabem dos motivos que me fizeram sair do escritório e respeitam esse momento. Não perdi clientes, muito pelo contrário; alguns até voltaram para mim.

Percebi que negar a minha natureza feminina em prol de uma carreira de sucesso não era justo com ninguém e só reproduzia um modelo errôneo de comportamento.

Posso ser feminina, ser mãe, ser mulher com M maiúsculo e ainda assim ser um sucesso.

Posso me dedicar à maternidade sem comprometer meu sustento, nem minha liberdade como profissional.

Sou mais livre para escolher as demandas em que quero trabalhar, me permito escolher melhor as demandas para não sacrificar o tempo que quero passar com a família.

Exige disciplina, é claro, mas é possível e hoje em dia consigo advogar, cuidar dos meus filhos e fazer uma pós-graduação, o que me parecia impossível quando eu estava no escritório.

Ao me livrar da ideia de que deveria agir como um homem para ter o mesmo sucesso dos homens e me permitir ser livre para abraçar toda a feminilidade da maternidade, me tornei uma pessoa mais feliz e de muito mais sucesso.

PERMITA-SE SONHAR E POETIZAR

NARA MARIA DE FREITAS NONNENMACHER

OAB/RS: 32.206

Há um sonho que foi sonhado. Era um sonho de viver.

Num tempo que não era o hoje, nasceu uma menina com sonhos de voar! Feminina, doce, mas com um propósito.

Morava, então, no interior de um canto, que há anos habita seu ser abraçado com a saudade. Campos, rio e vales, vale sonhar.

E, procurando seu sonho, permitiu-se ir.

Entre livros e amores; entre alegrias e dores; entre trevas e luzes; entre o ser e o não ser, permitiu-se.

E por anos ela andou e andou; esperava o tempo certo. Então, depois de muito viver, um dia chegou o tempo de não perder tempo.

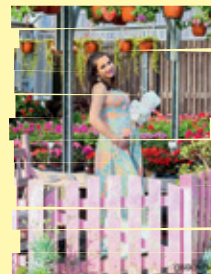
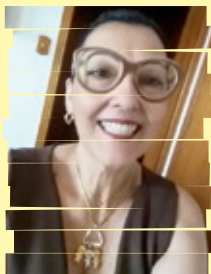
Nada mais importava, podia voar como pássaro, como borboleta; como os pesados aviões, que se tornam leves. Então, nada mais importa, a não ser o justo – essa era a meta! Tudo lhe conforta, porque sua meta o sonho comporta.

Os abraços e braços se alongaram... Os beijos não são escassos. E o sonho veio naqueles cabelos brancos, naquele olhar longo, naquele corpo enrugado; por ter o tempo passado. Mas era o seu tempo, o tempo de voar.

Assim, nesse tempo, os interesses são intensos, imediatos.

A satisfação é plena, porque ela não é pequena. Importa o pouco. Porque o muito transborda e derrama. É a vida... que é bela... Não ela.

E, assim, segue no voo; como ela, PERMITA-SE viver! PERMITA-SE poetizar!



PERMITA-SE AMAR O PRÓXIMO

MIRIAN FRANCIELI ÁVILA DE CARVALHO

OAB/RS: 93.168

Minha história começa em setembro de 2016, com o momento mais lindo da minha vida: a chegada da nossa pequena Rafaela, e, com ela, todos os sonhos e expectativas de um futuro repleto de amor e felicidade.

Infelizmente, as coisas não foram como planejadas, e no mês seguinte começou uma longa caminhada de UTI. Foram quase dois meses de investigação, até que veio a notícia de que minha filha tinha uma doença genética degenerativa – sem tratamento, sem cura e sem esperanças. Após quatro meses no hospital, nosso anjo não resistiu à severa doença e partiu para junto de Deus.

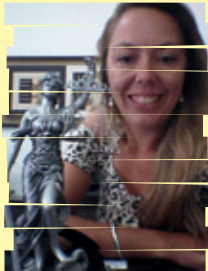
Apesar de toda a dor e sofrimento nesse tempo, a Rafaela nos ensinou muito sem falar uma palavra, ensinamentos que só um anjo pode transmitir. E uma das lições mais marcantes que ficou foi a de “amar o próximo”, assim como Jesus nos ensinou, “amar” como a nós mesmos.

Nesse período de vivência hospitalar, em vários momentos eu precisei somente de um abraço ou de uma palavra de conforto e sempre tinha alguém que me agradava com isso. Foi então que percebi o quão inútil estava sendo a minha existência, pois não tinha um olhar solidário para com as pessoas, e que, muitas vezes, poderia ajudar de forma simples.

Hoje, eu me permito ajudar quem precisa, seja com um sorriso, um abraço, uma mensagem, uma palavra de conforto, uma oração, com doações, ou, ainda, auxiliar programas sociais e divulgar campanhas solidárias.

Um simples gesto como dar um abraço, um sorriso, doar alguma coisa que já não se usa mais, consolar alguém que esteja passando por um momento difícil, fazer algum doativo financeiro a alguém ou alguma instituição, doar alimentos, enfim, são essas atitudes que me fazem crescer como ser humano, que me deixam completa e realizada.

E com toda a minha história, fica a lição: permita-se amar o próximo, pois não há nada mais poderoso e reconfortante do que o amor, principalmente quando ele é dirigido a outra pessoa na forma mais sincera.



PERMITINDO SENTIR

JANICE TORRES DA ROSA
OAB/RS: 92.793

No cotidiano tão corrido, cheio de prazos e responsabilidades mil, vemos que o mundo não se resume no ritual, casa, escritório, fórum...

Dia desses, estava pensando sobre a vida de advogada, aquela que sonhamos quando ingressamos na universidade e ainda usávamos tênis no dia a dia... Tão simples era acreditar no glamour da profissão e que todas as nossas petições seriam lidas na íntegra, que nossos recursos seriam sempre providos e as sentenças procedentes...

É tão difícil permitir-se! Quando não temos um prazo a cumprir, temos uma pilha de petições aguardando serem concluídas, ou um escritório cheio de papéis e móveis para serem arrumados. Enfim, também temos uma casa cheia de tantas outras obrigações a serem cumpridas no dia a dia da advogada e mulher que nos tornamos.

Mas é preciso permitir-se.

Assim, dia desses resolvi deixar os processos no carro. Confesso que foi uma atitude um tanto arriscada, mas fui à beira-mar molhar os pés, e, vendo aquela imensidão, acabei por me permitir dar um mergulho de roupa e tudo, com a sensação de que estava despindo a alma, permitindo-me sentir...

Permitir o mar molhar meu corpo, inundando todo o meu ser, foi uma sensação maravilhosa de liberdade e cumplicidade com a vida, como entregar-me a Deus em gratidão!

Coisas tão simples que nos permitem sentimentos tão grandiosos.

Então, além da casa, do escritório e dos fóruns da vida, vislumbrei que também é preciso nos permitir sentir essas emoções, as quais só nós mesmas podemos decidir ter e a natureza pode nos conceder.

Por isso, não basta ser advogada e mulher, é preciso permitir-se!

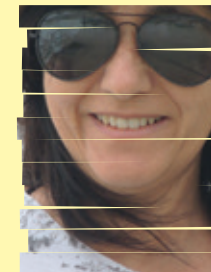
Permitir-se sorrir mais, abraçar mais e chorar menos...

Afinal, a batalha está apenas começando, e somos feitas de coração, alma e justiça!

Advogada e mulher que se permite viver cada dia como um lindo presente.

PERMITIR-SE

CLÁUDIA C. ROCHA SOARES
OAB/RS: 29.919



Ser a caçula de uma família de cinco mulheres e criada por uma mãe analfabeta – com pouca cultura (mas muito inteligente), dominadora, guerreira, decidida e capaz de conduzir uma família, cujos ensinamentos sempre primaram pelos princípios éticos e humanos, com retidão de caráter, não se esquecendo de incluir os ensinamentos da importância de ser uma mulher “bela, recatada e do lar” – por si só já exige superação desde o nascimento.

Permitir-se desenvolver uma personalidade própria, oposta ao restante das mulheres da família; menosprezando conceitos prontos e rejeitando ensinamentos perpetuados pela sociedade; deixando em segundo plano as prendas domésticas e o enobrecimento da maternidade; tendo coragem de externar e pôr em prática tal ideias... é o mesmo que matar um leão por dia.

Permitir-se ser sincera, verdadeira e não temer a represália por defender suas ideias e seus ideais; não desistir de suas crenças e suas verdades mesmo sob ameaças veladas ou diretas, em desafios constantes de uma sociedade dissimulada e manipuladora, faz-nos mais fortes e desafiadoras.

Viver em uma sociedade machista disfarçada de liberal, que discursa sobre a igualdade entre homens e mulheres, mas que as elegem sempre para cozinhar, lavar louças, servir chás e decorarem o ambiente, onde eles, homens, farão discursos e exaltarão os atributos femininos... Mesmo assim, escolher viver em um meio onde os homens predominam e “acham-se”, onde tem que lutar todos os dias para provar que, além de seus atributos, existe um intelecto com capacidade para ter ideias, discutir fatos, apresentar estratégias e resultados, sem arredar pé do seu espaço, exige uma tenacidade e uma persistência sem par – que somente com muita teimosia poderá permitir-se.

Levantar a cabeça, gritar ao mundo que não precisa do sexo oposto ao seu lado para ser feliz; que não precisa abraçar a maternidade como uma única forma de realização; que não precisa fazer mil coisas ao mesmo tempo para provar que é capaz; que pode escolher se quer ser profissional ou mãe e esposa (não há necessidade de desdobra-se em muitas, basta ser uma só e doar-se inteiramente à sua escolha); e que isso não vai retirar de si mesma a identidade feminina... Se isso te faz feliz, permita-se.

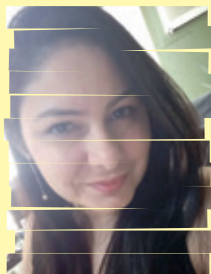
UM BELO DIA RESOLVI MUDAR

ANDRÉIA SCHEFFER

OAB/RS: 86.812

“Já faz tempo que lugar de mulher é onde ela bem entender. Permita-se! A vida vai muito além do escritório. Sabe todas aquelas coisas que dão prazer a você fora do trabalho? Permita-se levar um pouquinho delas para o seu dia a dia! Faça tudo que você gosta sem pensar no julgamento dos outros. Permita-se! Essa é a melhor maneira de incentivar as outras mulheres a fazerem o mesmo”¹.

A chamada do projeto me inspirou, inspirou-me a refletir sobre o hoje, sobre a trajetória, sobre o amanhã e, especialmente, sobre o compartilhar. Inspirou-me a contar um pouco de mim desatando as amarras sociais, portanto eis-me aqui, exercitando a autopermissão. Antes de iniciar minha história, digo que, talvez, o texto destoe um pouco da ideia do projeto desenvolvido, mas prometo focar no verbo nuclear – Permitir –, prometo contar-lhes a história de alguém que vive as oportunidades e acredita na realização de sonhos. Começo então lhes apresentando uma jovem. A história aqui contada começa aos seus 17 anos, ainda que muito da sua personalidade tenha reflexo dos dezessete anos anteriores, opta-se por iniciar a história da sua vida com a vida que dela surgiu. Uma jovem - filha de José e Eva, pedreiro e cozinheira, pessoas humildes, honestas e trabalhadoras que sempre batalharam pelo sustento dos filhos e nunca permitiram que nada de fundamental lhes faltasse. O pai, fonte de incentivo; a mãe, exemplo de fortaleza - esta jovem, aos 17 anos, tornou-se mãe. Ainda sem concluir o ensino médio, escola pública, pais divorciados, vivendo num bairro conhecido pelo tráfico de drogas, a adolescente engravida.



Uma reunião de índices apontavam a tendência de ela ser apenas mais um número nas estatísticas.

Se concluísse o ensino médio, sua formação já superava as expectativas sociais e familiares. A universidade sequer estava nos planos – afinal, como poderia? As barreiras eram muitas! Mas um belo dia resolveu mudar e fazer tudo o que queria fazer², se libertou da vida condicionada e foi além. Percebeu que as “barreiras” eram apenas crenças que limitavam seu crescimento. Entendeu que a realização inicia no pensamento, no acreditar; então, resolveu se permitir, e, ao se abrir para o mundo, o mundo retribuiu com abraços e sorrisos.

O ingresso no curso de Direito, a obtenção de bolsa de estudos, a aprovação no temido exame de Ordem, o exercício desta tão sonhada e tão batalhada profissão, tudo começou no acreditar, começou quando EU decidi acreditar naquela jovem que se tornou a mãe, a advogada e a mulher de Ordem que sou hoje.

1. Texto de chamada do “Projeto Permita-se” da CAA/RS
2. Agora só falta você – Rita Lee



PERMITIR-SE PARA REALIZAR-SE

JULIANA CHILANTI TONIAL

OAB/RS: 59.243

Ao longo dos meus 38 anos de idade, fui filha, estudante, vendedora, funcionária de empresa, universitária, advogada, esposa, advogada, aluna de pós-graduação, advogada, mãe, advogada, mestrande e advogada.

Começo relatando as funções que exerci até os dias atuais para observar que a profissão da advocacia esteve presente em quase um terço dos meus dias. Não foi e não é fácil conciliar a profissão com os cursos que realizei, com a função de esposa e dona do lar e com a mais sublime das atividades - a de ser mãe por duas vezes em dois anos.

Contudo, para alcançar todas as minhas vontades em sua plenitude, sempre soube que precisaria sair da zona de conforto. Nunca fiz uma coisa de cada vez. Em minha vida, quando estudava, também trabalhava, quando me casei duplamente trabalhei, quando fui mãe, exerci a tripla jornada e foi quando – sendo esposa, dona de casa, estudante, advogada e mãe – percebi que o resultado de todas as minhas funções era a soma das experiências e do cansaço que eu acumulava em cada uma delas. O resultado foi fantástico, mas o EU – mulher – estava deixado de lado. Não falo dos aspectos físicos, porque desses jamais descuidei. Falo da mente, da cabeça, do psicológico.

Era, com todo o orgulho que uma pessoa pode dizer, uma mulher realizada, porém com um aspecto extenuado.

Aos 37 anos, foi o momento em que resolvi parar e olhar para mim! Os cursos acabaram, a correria da maternidade foi acontecendo naturalmente, o casamento se consolidou e a advocacia de 15 anos me deu a estabilidade para que essa mulher, Advogada e de Ordem, conseguisse ser feliz em todos os seus aspectos.

Hoje, permito-me dançar, sair, comer, viajar, beijar, abraçar, correr, escrever, ler, chorar, brigar, sorrir, praticar o catolicismo, fazer minhas makes, ir ao salão, à academia, acompanhar meus filhos – tudo com muito mais intensidade e sabedoria. Sei que tenho muito ainda a fazer pela minha família – filhos, marido e pais – e minha profissão; mas, hoje, eu aprendi que, quanto mais eu me permito o que mereço, mais eu atraio o que preciso – a realização pessoal e profissional.



COM TUDO O QUE TENHO DIREITO

ISABELLA MAGEDANZ PESCE
OAB/RS: 93.209

Gramado, Rio Grande do Sul, inverno de 2014. “Você vai querer a opção simples ou completa?”, perguntou o dono do café colonial às 15h. O gigantesco restaurante estava vazio e lá estava eu, sozinha, sentada em uma mesa para quatro pessoas, acompanhada somente por uma pilha de 15 processos trabalhistas e uma pequena mala. Sem hesitar, respondi: “completo, com tudo o que eu tiver direito”. O senhor acenou com a cabeça e ordenou à equipe que providenciasse meu pedido. Tenho certeza que, em meu olhar, ele notou que aquele café teria um ar de recompensa por um árduo dia. Consumida pelo cansaço, transmiti com os olhos um agradecimento sincero.

Quem me levou a Gramado foi um ônibus Citral, comum, ainda na madrugada do dia anterior. Cheguei à cidade turística no pico do inverno, a tempo de cumprir com uma série de audiências na Justiça do Trabalho. Missão cumprida. O dia de audiências terminou, a chuva veio e o frio ficou mais intenso. No celular, o aviso: 1% de bateria restante. Chamei um táxi e dei o endereço da minha hospedagem: a casa de inverno de uma das sócias do escritório em que eu trabalhava. O local fazia parte de um conjunto de residências sem número, foi difícil de encontrar. Adivinhei em qual dos portões poderia estar o local e pedi ao motorista que, por gentileza, aguardasse minha entrada. Estacionado na escuridão, ele concordou. Desci do automóvel e toquei a campainha do condomínio de casas. Silêncio. Toquei novamente. Nada. A chuva e o frio incomodavam e eu não conseguia abrigo. Caminhei até a esquina e pedi a um funcionário de uma pousada que me emprestasse o telefone. Depois de muito desânimo e algumas ligações, consegui entrar na casa. Ufa! Que alívio! Alívio?

Àquela altura, um banho quente encerraria o dia de sucesso no trabalho com chave de ouro. Teria sido reconfortante se o sistema de aquecimento da casa e da água estivesse ligado. Não estava. Também não tinha gás para aquecer o chá. Com lágrima nos olhos e a pele azulada, tomei banho de gato e fui para baixo das cobertas de calça e blusão. Na manhã seguinte, acordei pensando na versão do gaúcho Filipe Catto da canção que diz “levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima”. Levantei, me vesti, cumpri diligências na Justiça do Trabalho gramadense e fui dar a volta por cima com um típico café colonial. Cercada por pães, geleias, cucas, tortas, vinhos e cafés, superei o frio e as decepções da noite anterior e agradei pelo momento. Permiti-me perder um bom tempo entre as degustações e atrasar o retorno para Porto Alegre. Mereço!

PUFF! E SALTOU UMA MULHER

MARISTELA LOPES DE LIMA
OAB/RS: 35.036



Advinda de uma educação preconceituosa e rígida, assumi a multiplicidade de padrões comportamentais pré-estabelecidos, pela sociedade, às mulheres. Sem dúvida, era uma tarefaira, por não ter questionado, naquele momento, o que estava fazendo, ou melhor, o que eu estava deixando de fazer. Melhor ainda... quem eu estava deixando de ser?

Puff! Tudo se transformou como em um toque de varinha mágica. Fiquei órfã, já não era mais esposa, fui morar em um pequeno apartamento, meu filho ficou adulto, concluí minhas especializações, me aposentei...

Como qualquer transformação, foi muito dolorida; afinal, sozinha, portadora de um grave quadro clínico de depressão, sem estabilidade financeira e com uma criança pela mão... o que encontraria lá fora? Como o dito popular, mataria um leão por dia. Não! Além do leão, uma matilha de hienas, porque estas foram as que mais se aproximaram nesse momento em que estive mais frágil.

Fazer o quê, Maristela? Peguei carona na vida, porque esta segue seu curso normal sem esperar por ninguém. Socorri-me de todos os recursos que estavam ao meu alcance; passei a ler muito, fazia terapia, cursos de todos os gêneros; me ajoelhava, diariamente, diante de Deus. Puff! Usei, fiz novas amizades, botei megahair, tomei um banho de loja, inclusive a calcinha vermelha, vai quê...

Esta mulher sempre esteve em mim, apenas as cobranças da vida não davam espaço para ela ser. Hoje, já sem as urgências, dou dengos para as minhas demoras. Quando diante do espelho, a imagem que vejo refletida não é mais aquela que esperam de mim, mas sim de uma mulher que sorri travessa, que sai para dançar, vai ao cinema e viaja; que se permite fazer coisas para o próprio prazer, mas não sem antes retocar o batom, conferir o esmalte e botar perfume.

QUANDO EU ME PERMITI DE VERDADE

CLARISSA TELLES DA SILVA

OAB/RS: 70.649

Quando me permiti de verdade, percebi que a vida não é feita apenas de prazos, notas de expedientes, audiências e compromissos inadiáveis.

Quando respeitei o meu tempo, percebi o quão importante é termos um momento só da gente.

Permiti-me fazer, no mínimo, duas refeições diárias sem a presença do inseparável telefone e sem as frequentes e incansáveis checadas na caixa de e-mails; assistir à minha série favorita, ao menos uma vez por semana; faltar uma vez ou outra a academia, sem culpa; arranjar um tempo para reunir os amigos, seja para um happy hour ou seja para um mate; ou até mesmo dirigir sem o objetivo de ir a lugar algum, apenas para contemplar a paisagem.

Aprendi que tão importante quanto cumprir uma agenda cheia de compromissos, é assumirmos compromisso com a gente, com o nosso bem-estar. É guardamos um tempo para viajar, cantar, se encantar, amar...

Aprendi que a vida é longa, o tempo é curto e que não podemos parar o relógio, mas devemos nos permitir aproveitar os lugares por onde passamos, as pessoas com que convivemos, desfrutar novas cores e sabores.

Façamos de nossas vidas uma agradável e gratificante experiência.

Meu nome é Clarissa, sou mulher, sou advogada, sou filha, neta, irmã, esposa, apaixonada por viagens, livros, comidas e cachorros e muitas coisas banais.



TEMPO PARA MIM

JANE REGINA MATHIAS

OAB/RS: 24.180

Chegava ao final do dia, dia após dia, e nada de um “tempo para mim”. Sempre foram tantos os compromissos profissionais inadiáveis como prazos, audiências, reuniões, pós-graduação, cursos de atualização e uma infinidade de outras coisas para fazer.

Vida pessoal? Até esquecia que tinha uma. Os sonhos iam se acumulando e eu pensava: ano que vem eu faço! Um deles, um de cada vez, eu faço. Mas, o “ano que vem” chegava e terminava rápido demais e nada de transformar sonhos em realidade.

Até que um dia, enquanto aguardava uma audiência, parei de pensar no processo, já tão estudado, e decidi: vou começar agora; vou me permitir.

De volta ao escritório, comecei minha busca na internet. Precisava partir para a ação. Fiquei atordoada com as opções.

Era inimaginável que tantas pessoas estivessem, naquele exato momento, possibilitando a realização de um dos meus sonhos.

Escolhi a opção que me pareceu mais fácil de executar, aquela para a qual eu precisaria dispor apenas dos sábados. Eu iria com calma, aos poucos, mas estaria no plano da realização. Foi quando os sábados passaram a ser “os meus dias”.

No primeiro sábado, apesar de estar um tanto deslocada pelo contato com uma nova cultura e realidade, fui absorvendo o ambiente, as pessoas. Tudo tão diferente e interessante. Passados os três primeiros sábados, eu já havia criado certa rotina, uma agradável rotina. E queria mais – ainda quero –, muito mais.

Foi assim que mudei completamente a forma de ver aquilo que me cerca. A fotografia – um de meus sonhos – e as aulas de fotografia na UFRGS me fizeram enxergar um mundo novo. Atrás das lentes (algumas vezes mesmo sem elas), estou enquadrando tudo que vejo, sempre em busca da grande foto ou da foto perfeita (será que ela existe?). Hoje, ainda tenho muito para aprender; sou uma principiante e já sou dona de um novo olhar, um olhar curioso e carinhoso para a maravilha que é o nosso planeta. Estou me permitindo.



PERMITA-SE CONTEMPLAR A NATUREZA

FABIANE DA SILVA PRESTES
OAB/RS: 73.280

Por muito tempo, eu associei a ideia de bem-estar com conforto e consumo, a partir de um viés capitalista, no qual haveria uma necessária interconexão entre qualidade de vida e a possibilidade de aquisição de bens e serviços.

Após o ingresso no mestrado em Direito, na linha de Direitos Humanos, Meio Ambiente e Novos Direitos, revi minha opinião e entendi a importância da reciclagem de saberes, que viver causa impacto e, principalmente, compreendi a indissociabilidade entre natureza e humanidade. A partir de então, reconheço-me como cidadã de um planeta; reeduquei meu olhar sobre a Terra e percebi que a qualidade de vida deve ser medida pela felicidade e não pelo consumo.

No transcurso da especialização em Educação Ambiental, identifiquei novas formas de perceber o ambiente e a importância dos animais domésticos – sujeitos de uma vida- para o bem-estar de seus tutores. Assim, permiti-me adotar uma gatinha de rua, a qual, além de ser uma companhia, é uma verdadeira terapeuta. Igualmente, no decorrer do Doutorado em Ambiente e Desenvolvimento, permiti-me trocar o escritório pela natureza, os saltos pelas rasteirinhas, o penteado do cabelo pelo rabo de cavalo e toda aquela pressão típica de quem cumpre prazos por uma outra temporalidade. Permitted-me vivenciar de perto a realidade de uma comunidade indígena Kaingang (povo do mato), apreciar os ensinamentos dos anciões, receber as bênçãos do Kujã (médico da comunidade), saborear as comidas típicas, brincar com as crianças e compreender que o mundo vai muito além daquilo que a rotina diária nos possibilita.

Nesse sentido, considero que, nestes tempos de excesso de informações, sons e atividades, é preciso encontrar um tempo e um espaço para vivenciar realidades distintas. Assim, entendo que essa experiência me permitiu a redescoberta de valores e a solidariedade ambiental, que são os meios de (re)descobrir a beleza da vida: ouvir os sons da natureza; caminhar na terra; contemplar os animais; sentir o vento e o perfume das flores; e estabelecer um diálogo intercultural.

VAMOS NOS PERMITIR...

SARA DEISE DE MARIA COELHO
OAB/RS: 100.725



Mulher: seja menina quando na infância, seja moça quando na adolescência, seja o que seja, na essência sempre será mulher. Desde muito cedo ouvíamos como uma mulher deveria ser, portar-se, quando falar, calar ou simplesmente se anular.

Muitas gerações de mulheres que nos antecederam calaram-se, proibiram-se, impediram-se, ojerizaram-se no profundo do seu ser pela imposição de uma conduta repressora imposta às mulheres pela sociedade. E aqui não me refiro ao feminismo ou machismo, mas, sim, a uma ideia incutida de maneira velada pela “sociedade ideal”, que outrora subestimou aquelas que sempre foram a base da sociedade, desde o ventre ou muito antes, no início de tudo, mas que só hoje, no presente, permitiram se transformar em seres alicerçadores da própria história.

Diante de toda essa bagagem histórica e cultural, hoje, viemos ao longo dos anos permitindo-nos viver. Como quando na minha adolescência, não muito longe, em meados dos anos 90, eu tinha a liberdade de decidir ou sonhar o que eu queria ser quando crescer, sem medo de me definir, eu pude me permitir. Ou como quando na minha primeira vivência profissional como estudante, em meados dos anos 2000, na qual me vi inundada de perguntas sem respostas e incertezas que nunca deixavam de surgir; mas, mesmo assim, eu pude me permitir. Ou como quando num ato de superação eu pude então pousar no chão da sabedoria, da vivência de todo dia, e que ninguém poderia me distanciar do meu sonho maior que era me formar. Eu me permiti estudar. E, na ânsia da glória, de conseguir o canudo, eu já possuía tudo o que jamais poderia imaginar; eu me permiti realizar.

E, nessas andanças da vida, no cotidiano que não é mais rotina, nas possibilidades que são muitas e nas adversidades que ainda estão por vir, eu me permito sonhar. Porque hoje só me resta uma certeza, que vem da nossa própria natureza, desse ser de tão variadas belezas, mas que não se define em si por isso, porque podemos ser tudo o que quisermos, porque queremos ser aquilo que quisermos, porque os porquês não nos importam, desde que a nossa vida possa ser um eterno ponto de exclamação!

Eu me permito porque o céu não é o limite, não há início e nem fim, e, sendo assim, é infinito, pois é por isso que eu me permito.

UMA EM MIL

VIVIAN GONÇALVES DIAS

OAB/RS: 71.980

Ah, como é doce acordar e escutar o sorriso da sua filha dizendo: “Bom dia, mamãe!”

Como é bom tomar o café da manhã ao lado do teu amor e com apenas olhares falarmos tantas coisas um ao outro.

No trabalho, ter a certeza da tua seriedade, clareza e empenho na busca das melhores soluções para resultados satisfatórios, e sorrir em meio a tantos documentos.

Ser elogiada por fazer um simples bolo de chocolate para o café da tarde.

Ao praticares teu “hobby”, sentir-se livre e plena!

Usar aquele sapato e aquele perfume que escolheste como tua identidade, para onde cruzares, deixar tua marca!

Não busca resultados aprováveis socialmente... Busca tua satisfação pessoal; busca deitar no travesseiro e saber que teu dia foi bom, intenso, que destes o teu melhor e que amanhã será um dia esplendoroso.

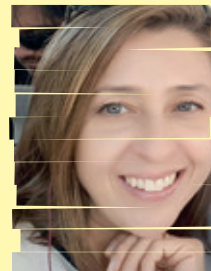
Quando encontro meu reflexo, tanto no espelho de casa, nas vitrines, elevadores ou espelhos retrovisores do automóvel, encontro um olhar de fascínio; um delineado perfeito de VIDA, pois quando o reflexo lhe sorri é tua alma que agradece.

Ama-te de uma maneira egoísta – afinal tu és teu cartão de visita! Não economiza elogios a ti mesma, faz cada instante valer a pena.

Seja eu, seja você, seja única, mas seja!

Sejamos mãe, esposas, namoradas, amantes, advogadas, cozinheiras, psicólogas, educadoras, Amazonas, urbanas, rurais. Sejamos abertas, simpáticas, tímidas, mas sejamos únicas!

Sou tantas em uma só e uma em mil – posso ser o que eu quiser e sou!



FOI EM 22/02/2011...

VIVIANE GUIMARÃES

OAB/RS: 100.850

Foi em 22/02/2011 que recebi o diagnóstico de câncer, dia em que percebi o quanto é importante olhar devagar os sintomas do nosso corpo, pois pode estar ali a explicação para mudar algo em nós. Aquele resultado golpeou minha cabeça de uma só vez; ao mesmo tempo, despertou em mim um sentimento de negação da doença, e fez-me refletir sobre quem eu tinha sido até aquele dia.

Tão logo pude, eu me refiz ali mesmo no hospital e refleti sobre tudo que havia vivido até aquele dia. Vinda de família paupérrima, contra todas as expectativas, eu havia chegado à Faculdade de Direito e me restavam dois semestres para conclusão. Desistir de me tornar a primeira e única “Doutora” na família definitivamente não era uma opção. Ignorei todas as recomendações que me foram sugeridas, segui com os estudos nos primeiros meses. Enquanto fazia em casa os trabalhos, paralelamente, lia artigos da internet, buscava informações nutricionais, devorava centenas de páginas de livros buscando maneiras de vencer a batalha contra o câncer.

Neste processo, encontrei em minha família, amigos, professores, e, principalmente, ao lado de meu companheiro toda a força necessária para continuar minha luta. Meu maior desafio não era vencer a doença, mas, sim, me libertar de crenças que limitavam minha capacidade de seguir em frente, de me “permitir” viver plenamente e curada. Para eliminar essas crenças, busquei inspiração em tudo que podia ajudar a me libertar, especialmente nas histórias de pessoas que saíram vitoriosas. E descobri que era preciso extrair das adversidades o seu melhor. Esse era o grande desafio.

Comecei o processo para me reinventar decidindo que, apesar do medo, eu ia REAGIR. Nas sessões de quimioterapia, sempre levava meu material de estudo e alguns livros de autoajuda, falava com as pessoas que estavam em tratamento como eu o quanto era importante reagir, buscar todas as formas de motivação para vencer a batalha. Joguei as luzes em tudo aquilo que me deixava feliz e me mantinha no foco. Coloquei a conclusão da faculdade e a prova da OAB como metas, porém nunca abri mão de uma boa xícara de café com uma amiga – ou mesmo sozinha, só para “arejar” as ideias.

A mudança no meu íntimo apresentou resultados. Venci o câncer, me tornei Advogada e foi glorioso ver meus familiares vibrando de alegria quando “cruzei a linha de chegada”. Meu maior aprendizado: que o remédio para nossa cura está dentro de nós, e que é possível escrever a própria história permitindo-se olhar devagar para nós mesmos.



Realização:



Patrocínio:

